

As estelas antropomórficas de Picote – Miranda do Douro (Trás-os-Montes)

Maria de Jesus Sanches¹

Resumo

Este texto tem como propósito estudar um conjunto de figuras proto-escultóricas de carácter antropomórfico de granito, i.e., estelas, identificadas em prospecção arqueológica, nos locais de Salgueiros e Puio, em Picote- Miranda do Douro (Trás-os-Montes, Portugal). A estação de Salgueiros sugere ser um sítio arquitectonicamente complexo, provavelmente um recinto.

Os sítios de Salgueiros e de Puio, devido à sua proximidade, podem ser interpretados, no contexto da Pré-história regional (4º e 3º mil. AC), como fazendo parte da mesma paisagem simbólica, situada estrategicamente numa área que domina topograficamente uma curva apertada do rio Douro. Foram estas características que nos levaram a analisar neste texto o recinto de estelas de Cabeço da Mina (Vila Flor), que domina também um alargado vale—o vale da Vilariga. De igual modo, esta paisagem (o alargado vale da Vilariga) aparece marcada não somente pelo recinto em si, mas também pelas (duas) estelas que se implantavam na entrada Sul do mesmo vale.

Em ambas as áreas — Picote, no vale do Douro, e Vale da Vilariga/Foz do rio Sabor— a análise formal e iconográfica das estelas sugere que podemos estar perante narrativas comunitárias de carácter genealógico, ou outro, que admitirão porventura leituras múltiplas. À escala do sítio, cremos que dariam corpo a discursos que fariam de cada um destes sítios “um lugar” de significado relativamente autónomo, singular. Porém, no contexto das práticas sociais que ali se desenrolariam, estes “lugares”/recintos teceriam, ou evocariam necessariamente narrativas relativas às relações comunitárias de carácter identitário que vigorariam entre os grupos que na Pré-história habitavam esta região.

Palavras-chave: Estela antropomórfica, arquitectura/recinto, Pré-história, género, identidade.

Abstract

The purpose of this paper is the study of a group of granite made anthropomorphic proto sculptural forms, identified at the archaeological sites of Salgueiros and Puio, during an archaeological survey at Picote, Miranda do Douro (Trás-os-Montes, Portugal). The archaeological site of Salgueiros evokes an architectonically complex structure, probably a precinct type.

Due to their close proximity the archaeological sites of Salgueiros and Puio may be interpreted (in the regional pre-historic context, 4º and 3º mil. AC) as being part of the same symbolic

¹ Professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DCTP). e-mail: mjsanches77@gmail.com. Investigadora Principal do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (CEAUCP)(<http://www.uc.pt/uid/cea>)

landscape, a strategically situated area that topographically dominates a narrow curve of the Douro river.

It was these characteristics that drove us to analyse the stelae precinct of Cabeço da Mina (Vila Flor), which also dominates an enlarged valley, the valley of Vilariça.

Likewise, this landscape (the broad Vilariça valley) appears marked not just by the precinct itself, but also by two standing stelae located at the southern entrance of the same valley. In both areas — Picote, Douro valley, and Vilariça valley/base level of Sabor river — the formal and iconographic analysis of the stelae suggests that we may be facing communal narratives with a genealogical character, or some other that may allow multiple readings. Given the scale of the area, we believe they would embody discourses that would make each of these precincts “a place” of a relatively singular meaning. However, given the context of the possible social practices that may have occurred there, these “places”/precincts would have (or would necessarily evoke) narratives relating to the identity character of communal relations that would vigorize among the groups that inhabited this region during Pre-History.

Keywords: anthropomorphic stele, architecture/precinct, Prehistory, gender, identity.

As estelas de Puio e de Salgueiros: condições da descoberta e localização

Este texto tem como propósito estudar e divulgar um conjunto de figuras proto-escultóricas de carácter antropomórfico de granito que identificámos no Verão de 2001 em Picote, no decurso de uma prospecção realizada nas imediações da Fraga do Puio com o objectivo de contextualizar esta estação rupestre².

Todas as peças se encontravam em muros de divisória de propriedade da freguesia de Picote, concelho de Miranda do Douro, distrito de Bragança (Estampa 8).

A estela do Puio encaixava-se grosseiramente no muro da “curtinha” do Puio, isto é, do lado direito do caminho que atravessa longitudinalmente o esporão com o mesmo topónimo, o mesmo pelo qual é conhecido na aldeia de Picote (Estampa 8). Este esporão coincide com a estação arqueológica de *Castelar* na denominação de J.R. dos Santos Júnior (1975). O caminho inicia-se no topo sul da aldeia de Picote e dirige-se à Fraga do Puio (Estampas 1 e 5). Esta é uma formação imponente de rochas graníticas que caem a pique sobre as encostas do rio Douro, frente a uma curva apertada deste rio, na fronteira com Espanha. Numa das rochas foi gravado um arqueiro, a cujo estudo aludimos acima (Sanches e Pinto, 2002), e o conjunto foi formalmente transformado em 2001 pelo Parque Natural do Douro Internacional (PDNI) num miradouro. São as seguintes as coordenadas geográficas do local da recolha da peça: Lat. 41° 23' 55",07 N; Long. 6° 22' 09" W (M- 347706; P-493654); altitude absoluta- 637 m (CMP, nº 95, IGE, 1996)³.

As estelas de Salgueiros encontravam-se encravadas num troço de muro rústico que preenchia o espaço situado entre as ombreiras de pedra da primitiva entrada duma propriedade privada toda murada e situada no local cujo topónimo é “Salgueiros”⁴ (Estampas 1, 7 e 8). Situa-se este local a cerca de 1Km para Sudeste de Picote, embora o acesso seja mais fácil pela aldeia de Barrocal do Douro⁵. Também se lhe acede pelo estradão de terra batida que sai do topo sudeste de Picote e conduz ao local cujo topónimo é “Castelo”, uma fraga granítica de grande porte sobranceira ao rio Douro. Na verdade esta propriedade murada implanta-se numa pequeníssima área aplanada onde confluíam originalmente dois pequenos ribeiros (temporários) que descem de Barrocal do Douro, a Este, precipitando-se mais abaixo no rio Douro, no local denominado de *Remanso*, frente à encosta que sustenta o esporão do Puio. Em

2 Essa prospecção foi realizada juntamente com alunos da cadeira de Trabalhos Práticos de Arqueologia da FLUP, em 2001, quando fui convidada pela Associação FRAUGA de Picote a estudar uma gravura rupestre na Fraga do Puio. As 3 estelas de Salgueiros foram objecto de um primeiro estudo num trabalho de Seminário realizado pela aluna da FLUP, Maria Antónia Soares (2002-3).

3 Dado que a CMP de 1950 mostra a topografia do terreno ainda não alterada pela construção da barragem do Picote (que ocorreu entre 1954-58 e foi inaugurada em 1960) e correlativas linhas de alta tensão que atravessam o Puio, utilizámos esta edição como cartografia de base na imagem 3D da Est. 2.

4 As estelas foram recolhidas com autorização dos proprietários do terreno murado (que é um pequeno pomar), Sr. Manuel Alves, Sr. Francisco Alves e D. Ana Alves. Encontram-se actualmente à guarda da Associação FRAUGA.

5 Lugar da freguesia de Picote, sendo uma aldeia criada *ex novo* por motivo da construção da barragem de Picote.

tempos de que não há memória, o muro sul desta propriedade e daquela que lhe é contígua, foi construído de modo a desviar um dos ribeiros indicados acima, de modo que aqueles se juntam agora mais abaixo, no exterior dos campos murados.

Refira-se desde já que este estudo incide somente em duas das 3 peças⁶, as estelas 1 e 3 pois devido a problemas de transporte das pedras a estela 2 acabou por não ser recolhida⁷. Publicamos, no entanto, uma fotografia tirada no local e esperamos publicar brevemente a descrição desta peça (Estampa 8).

São as seguintes as suas coordenadas geográficas: Lat. 41° 23' 35",5 N; Long. 6° 21' 27",4 W (M- 348500; P-492945); altitude absoluta- 565 m (CMP, nº 95, IGE, 1996).

A estela do Puio: descrição e contexto de recolha

1. Descrição (Estampa 3, 4 e 5)

A estela do Puio é uma laje/bloco subtriangular alongado, de granito, delimitado por extensas diaclases planares paralelas que definem as duas faces principais (o anverso e o reverso). Uma das faces laterais—a face direita do anverso⁸— é também natural, sendo bem visível a diaclase endurecida pela precipitação e meteorização química de cristais; a oposta foi objecto de afeiçãoamento e polimento. O granito é de grão médio-fino, ligeiramente alterado, não friável e a textura é equigranular, quase sacaróide, o que permitiu um polimento extremamente fino.

Na extremidade distal, mas em época recente, segundo cremos, foram realizadas duas extracções do que resultou um topo triangular, ou anguloso, de fractu-

6 No Relatório do IPA, em 2002, bem como na publicação do Arqueiro do Puio (Sanches e Pinto, 2002) ou mesmo no Relatório de Seminário de Maria Antónia Soares (Soares, 2002-3) foram consideradas 6 estelas em Picote. Duas do Puio e 4 de Salgueiros. Porém, uma análise mais atenta da 4ª estela de Salgueiros mostrou que esta não tinha sido nem talhada nem polida, embora a sua forma se assemelhe a muitas estelas pré-históricas recolhidas em contextos arqueológicos fidedignos. Na falta deste contexto optámos por a excluir do presente estudo (em termos de descrição de pormenor) aguardando uma escavação no local que nos possa então valoriza-la devidamente ou exclui-la em definitivo do conjunto. No caso do Puio, a laje que considerámos estela (2ª estela do Puio) apresenta “desenhos” de forma losângica, detectados também na estela 1 de Salgueiros, mas que se revelaram ser decorrentes da estrutura de formação (compressão tectónica) do granito.

7 Esta estela nunca fez parte do grupo das que a Associação FRAUGA trouxe para o Porto para serem estudadas. Depois de várias diligências, em 2002, mas também já em Janeiro de 2010, acabámos por perceber que a estela 2 nunca terá sido trazida do local. Reconstituindo os factos, damos conta do seguinte. Após identificadas e fotografadas, as estelas foram deixadas no local à espera da autorização do proprietário para as remover e o muro foi refeito por nós. Porém, segundo nos informaram, um dos proprietários reconstruiu novamente o muro por achar (acertadamente) que nós não o tínhamos sabido fazer de modo a torna-lo seguro. Assim, quando os responsáveis da Associação FRAUGA, que conseguiram a autorização após a nossa partida, mas que não são arqueólogos, se deslocaram ao local com um tractor para transportar as pedras, não recolheram a estela 2 por esta pedra não se encontrar junto das outras duas. Provavelmente teria sido integrada no muro. Naturalmente, iremos procurar de novo a estela no local, realizando em simultâneo um reconhecimento mais pormenorizado daquela área.

8 Quando falamos do lado direito estamos a falar do lado direito do observador, não do da peça.

ras vivas. Porém, do lado direito a extracção foi mínima e os polimentos do reverso permitem perceber que ao topo do anverso só devem ter sido extraídos uns 2 cm na sua parte central. Assim, a parte distal deveria ter sido arredondada e não triangular (porque lascada), tal como se nos apresenta na actualidade. Sofreu lascagens de maior extensão na extremidade proximal, sendo que aquela do lado direito deve ter sido bastante ampla. Os negativos destas lascagens apresentam-se igualmente muito angulosos, rugosos ao tacto e levam-nos a crer que a extremidade proximal da estela poderia ter uma forma muito diferente daquela que agora exhibe. É provável que a base tenha sido alargada mas na realidade nada na peça nos sugere a primitiva forma nem o modo de assentamento.

Os danos indicados acima, somados a uma intensa manipulação da peça, aconselham cautela na reconstituição formal e iconográfica da estela quando “inteira”, isto é, quando o bloco se identificou, pelos desenhos, com alguma entidade de carácter antropomórfico. Admitimos, naturalmente, que tal bloco tenha sido considerado “completo”, uno, noutras manipulações e/ou formas que foi ganhando, tal como exporemos mais abaixo.

Tem actualmente as seguintes dimensões: altura máxima - 78,1 cm; largura máxima - 42,4 cm; a espessura, medida na secção, varia entre 5,8 e 8,7 cm. Trata-se portanto de uma laje bastante estreita, fácil de mover/manipular por duas pessoas, embora uma pessoa também o possa fazer.

As diferentes acções de configuração/uso a que a peça esteve sujeita, porque não afectam simultaneamente as mesmas superfícies, não podem ser descritas como uma sequência discreta e garantida, aconselhando antes prudência. Mesmo assim, por facilidade de exposição, parece-nos mais claro e útil fazer a descrição de acordo com uma sequência genérica de tratamentos tal como os entendemos, e que comentaremos em pormenor.

Iniciam-se, tanto quanto a falta de contexto específico permite depreender, com a escolha da laje cuja intenção primeira terá sido a de criar uma figura antropomorfa. Esta ter-se-ia identificado com o bloco de granito pelas razões que de seguida explicamos.

A laje foi sujeita desde logo a um trabalho de pico fino e de ponta dura (talvez de quartzito), seguido de um alisamento grosseiro ou de regularização das arestas do trabalho do pico (com areia?) numa extensa banda que se define longitudinalmente no lado direito do reverso (2). Um picotado um pouco mais fino e regular do que o anterior, seguido de polimento, agora mais visível, manteve-se também numa largada área do topo no anverso, acima do “olho” esquerdo (Estampa 5). (Este tipo de picotado não foi distinguido no desenho da Estampa 3 por motivos que se prendem, num desenho a preto e branco, com o desvio da atenção e a perda da visão de conjunto.)

É possível que este primeiro tratamento tenha sido realizado em todas as faces (ou melhor, nas 3 faces pois exclui-se a face lateral esquerda do anverso, já descrita acima). Porém, trata-se de uma mera suposição pois neste caso particular esta hipó-

tese nem sequer pode ser sustentada por uma lógica “técnica” já que a laje nos induz a pensar que terá sofrido tratamentos distintos nas suas diferentes partes sem que possamos compreender nem as razões, nem o alcance de tais diferenças.

Ao picotado/polimento (grosseiro) indicado atrás (2) ter-se-á seguido por certo a gravura dos olhos e da(s) sobrancelha(s), realizadas por picotado fino (3). Originalmente o traço dos olhos e das sobrancelhas pode ter sido mais largo do que aquele que agora se exhibe pois esta superfície foi sujeita posteriormente a um polimento/abrasão extremamente fino que rebaixou substancialmente a superfície original em toda a área abrangida pelo olho direito, sobrancelha e superfície acima desta. Este polimento intenso, ou abrasão intensiva (1), terá sido realizado (talvez somente na parte final) com o auxílio de uma substância mineral muito fina (argila, areia moída) eventualmente completada com polimento a couro, o que conferiu àquela área um aspecto tão liso e lustroso como aquele que é conseguido modernamente em máquinas de polir superfícies em rocha. Também o traço largo, horizontal, da parte inferior do anverso, do círculo que se situa abaixo deste, bem como da covinha da parte inferior do reverso, parecem ter sido realizados pela mesma técnica de picotagem do olho e sobrancelha. Estes sulcos apresentam o interior polido. No anverso, a covinha pode ter sido realizada em qualquer momento posterior ao picotado e regularização daquela área.

Já referimos anteriormente o polido muito fino/abrasão que se sobrepôs ao olho e área em torno deste (Estampa 3-1). Esta acção abrasiva foi realizada na maioria das superfícies do anverso e reverso bem como na face lateral esquerda e no local da aresta lateral direita do anverso. Nalgumas áreas foi extremamente intensa e repetida. É o caso do rebordo lateral direito do anverso onde houve a clara intenção, num primeiro momento, de eliminar a aresta longitudinal; seguiu-se-lhe outro momento abrasivo que se expande pelo anverso e que criou mesmo uma espécie de “linha de festo” paralela à antiga aresta. Esta abrasão, como dissemos atrás, rebaixou também substancialmente a superfície que inclui o olho direito e sobrancelha, desenhando aí “depressões” que simulam uma área lacrimal, definindo ainda uma depressão triangular acima da sobrancelha direita. Também destacou uma área central, entre as sobrancelhas, que se mantém sobreelevada.

Na parte inferior do anverso este polimento abrasivo rebaixou grandemente a superfície pois suavizou os rebordos dos traços gravados (sulco horizontal e círculo) e rebaixou, na sua parte média, a área lateral esquerda que, por esse motivo, exhibe uma alargada superfície deprimida. No reverso este polimento fino, abrasivo, é também bem claro mas parece ter sido menos insistente que no anverso. Enquanto nesta face a superfície ficou absolutamente plana, sem qualquer rugosidade, no reverso, conquanto não haja atrito ao toque, conservaram-se alguns dos desníveis que terão pertencido ao bloco original.

Esta estela parece ter sido coberta, parcial ou totalmente, de uma camada de pasta consistente de cor castanho avermelhada (4). Esta pasta, que parece um reboço, ganha uma cor castanho amarelada na parte central onde uma mancha alargada

se sobrepõe à superfície finamente polida (sem irregularidades). Aqui aderiu de tal modo que adquire o aspecto de pintura. Conserva-se também, agora com uma espessura de 1 ou 2 milímetros, mas em manchas quase residuais, nos interstícios das superfícies polidas em várias áreas do anverso e também no reverso. Nesta última face também se sobrepõe à superfície picotada que fora objecto duma regularização e polimento mais grosseiro (2), isto é, do lado direito do reverso (Estampa 4).

Parece-nos ser uma pasta fabricada para o efeito, mas cuja composição, natureza e mesmo modo de aplicação só análises específicas poderão revelar⁹. A observação à lupa sugere somente a presença de óxidos de ferro misturados eventualmente com argila de grão extremamente fino. Porém, a sua preservação leva-nos a pensar que tal se deverá à existência de algum tipo de aglutinante orgânico tal como tem vindo a ser detectado nos rebocos (e mesmo pintura) de alguns monumentos megalíticos do NW peninsular (Carrera, 2006).

Merece referência ainda uma pasta de cor cinzento esbranquiçada, semelhante a cinza e que, à simples lupa, parece integrar pequenos fios ou “pêlos”. Espalha-se pela parte central do reverso, mas somente sobre as áreas muito polidas. Aí sobrepõe-se, nalgumas zonas, à pasta castanho avermelhada, referida atrás.

No desenho do reverso (Estampa 4-5) esta pasta só foi marcada nas áreas onde se apresenta com uma certa densidade pois na verdade uma fina película parece espalhar-se por toda a superfície polida do reverso.

Se inicialmente pensáramos tratar-se de um sedimento que aderira à peça em contexto pós deposicional, uma análise mais fina à sua distribuição leva-nos a questionar tal interpretação. Com efeito, esta pasta cinzenta só se encontra nas partes do reverso que foram sujeitas a abrasão e nunca naquelas picotadas e em cujos interstícios a sua fixação e conservação seria mais facilitada. Naturalmente, esta pasta necessita de ser sujeita também a análise para conhecermos a sua composição, natureza e modo de aplicação. Refira-se ainda que esta pasta cinzenta se sobrepõe àquela de cor castanho avermelhada.

Cremos que foi devido às condições do contexto pós posicional que surgem esboroamentos que afectam sobretudo o rebordo esquerdo do anverso e áreas adjacentes onde a abertura de planos de fissuração e subsequente desintegração da rocha segue as linhas da diacrise natural. Foi esta desintegração que afectou toda a área envolvente do olho esquerdo, donde resultou, cremos, a sua quase total destruição. Na realidade, os líquenes esverdeados, precisamente na área que acabámos de descrever, mostram que esta zona da peça parece ter estado parcialmente desenter-

⁹ Privilegiaremos análises não destrutivas, combinando eventualmente as técnicas SEM (Microscopia Electrónica de varrimento) com EDX pois é provável que tais análises se possam realizar no CEMUP (Centro de Estudo de materiais da Universidade do Porto). As análises de espectrometria de absorção infravermelha, que intentaremos também, foram utilizadas com sucesso particularmente na análise dos hipotéticos aglutinantes orgânicos do reboco da mamoa de Mota Grande e Portela do Pau 2 (Carrera, Suriol e Silva, 2006).

rada e sujeita a destruições. Porém, tal desintegração também pode ter-se iniciado no decurso do polimento fino daquela área. A fragilidade da rocha junto da diacrise terá suportado mal a conformação e da peça destruindo parcialmente a simetria do desenho facial.

2. Contexto

Esta estela parece ter sido colocada há muito pouco tempo no muro pois, ao contrário das restantes pedras deste, que se apresentam cobertas de líquenes e musgo, encontrava-se (surpreendentemente) limpa, à excepção da restrita área esverdeada referida atrás. Assim, a hipótese mais provável é a de que tenha estado quase completamente enterrada. Na realidade, estamos numa área sujeita a remoções constantes resultantes de trabalhos agrícolas. Estas movimentações de terras deslocarão não somente o que se encontra eventualmente *in situ*, como os sedimentos e materiais já antes revolidos tanto pela escavação de J R do Santos Júnior e pela implantação dos postes de alta tensão, como ainda pela abertura de uma fossa séptica no local (Estampa 5).

O contexto arqueológico da estela será, a nosso ver, aquele onde foi recolhida, isto é, a estação arqueológica do Puio.

Esta estação tem vestígios que aludem a uma ocupação de longa diacronia que se estenderá do Calcolítico à época contemporânea já que a própria aldeia de Picote se estende também para a parte N do esporão do Puio. Assim, se atendermos somente ao esporão delimitado pelas duas ribeiras, merecem destaque as ocupações datáveis do Neolítico/Calcolítico, da Idade do Ferro (com início pelo menos no séc. 7º/6º A.C.) e do período romano (Pinto, 2005). Na sua encosta leste, no decurso de arroteamentos, foi encontrado um minúsculo recipiente cerâmico (de fabrico manual, forma subcilíndrica e fundo plano-convexo), juntamente com um outro, maior, que “se desfez em cacos” e por isso não foi recolhido¹⁰ (Estampa 5). Acresce ainda a memória de que aproximadamente neste local estaria um “sepulcro” de um guerreiro ou cavaleiro, pois junto das pedras foi vista uma arma metálica (espada ou punhal) que se desfez. Esta última informação não pôde ser precisada pois não nos foi relatada pelo seu descobridor, entretanto falecido. Quer se trate de uma deposição e/ou de um contexto funerário, ou mesmo de uma área de uma estação arqueológica cuja especificidade só poderá vir a ser corroborada por escavações, temos um argumento para a ocupação pré-histórica deste local já que vasilhinhos minúsculos daquele tipo são frequentes em contextos, sobretudo “habitacionais” do 4º e 3º mil. A.C.¹¹. Na realidade

10 Informação oral do proprietário, Sr. António Branco Fernandes, a quem agradecemos a informação e a possibilidade de fotografar e desenhar o recipiente. Neste momento encontra-se à guarda da FRAUGA. Este pequeno recipiente mede, na abertura, 4,1 cm e tem de altura 2,9 cm ; a espessura média das paredes é de 0,4 cm. É de fabrico manual, de cor castanho acinzentado e tem superfícies mal alisadas quer no interior quer no exterior.

11 Recipientes de pequenas dimensões, lisos ou decorados, ocorrem por ex. em povoados do Neolítico final/Calcolítico, como seja o de Mairós-Chaves (Jorge, 1986), no abrigo do Buraco da Pala – Mirandela, Crasto de Palheiros (Murça) (Sanches, 2008).

de podemos estar perante uma alargada estação pré-histórica que se estenderia por toda a parte superior do esporão e suas encostas leste e sul se, complementarmente, considerarmos os resultados do estudo da grande quantidade de materiais arqueológicos recolhidos tanto na nossa prospecção de 2001 como na escavação de J-R. dos Santos Júnior¹², realizado por Dulcineia Pinto (2005). As cerâmicas da pasta C e F, de fabrico manual e pertencentes a formas predominantemente globulares (fechadas) e em meia calote, representam cerca de 30% da amostra estudada. São consideradas pré-históricas pois ocorrem sistematicamente em contextos transmontanos datados pelo C14 do 3º mil. AC; porém, também estão bem representadas na ocupação do Calcolítico e da Idade do Ferro do Crasto de Palheiros (Murça) (igualmente datadas pelo C14) (VVaa, 2008). Deste modo, embora a estação do Puio (ou Castelar, como a denominou Santos Júnior) tenha uma efectiva ocupação da Idade do Ferro (cujo início, datado por objectos metálicos, aponta o séc. 7º/6º AC) (Pinto, 2005), é provável que desde tempos anteriores, provavelmente desde o Calcolítico (finais do 4º/3º mil. AC), tenha existido ali uma estação arqueológica que exigirá uma adequada caracterização. Em alternativa, e tal como Dulcineia Pinto também avança, tais cerâmicas podem mostrar somente a pervivência, na Idade do Ferro, de modos de fabrico muito alicerçados na tradição pré-histórica regional, como acontece no Crasto de Palheiros (Pinto, 2005; VVaa, 2008).

Do mesmo modo, é provável que o contorno do recinto que Dulcineia Pinto propõe como limite exterior da estação da Idade do Ferro (Estampa 5), tenha tido origem em época mais antiga. Por certo, muros, anteparos, taludes e/ou outras barreiras terão existido ao longo do topo da linha do esporão que, na realidade, não poderia manter aquela topografia nem reter os sedimentos na ausência de barreiras físicas.

A diversidade do espólio recolhido, somado à recolha de 3 berrões em granito, indicia sem margem para dúvidas uma estação da Idade do Ferro com características *sui generis*, mas de incontestável interesse para o conhecimento da especificidade da Idade do Ferro nesta região transmontana¹³. A continuidade da ocupação do Puio no período romano e medieval merece, naturalmente, igual caracterização¹⁴.

O painel gravado da Fraga do Puio deve também ser comentado. Quer pela sua localização — no topo sul do esporão, frente à curva apertada do rio —, como pela disposição interna dos motivos gravados (que compõem uma “cena de arremesso com arco em tensão”), o painel reforça a importância do local tanto para a comunidade

12 Trata-se dos materiais (cerâmicos e metálicos) da escavação do local onde fora recolhido o grande berrão de Picote, realizada em 1952/53 e guardados no Instituto Mendes Corrêa (Faculdade de Ciências da Univ. do Porto). Na prospecção de 2001 foram recolhidas e estudadas (por Dulcineia Pinto) cerca de 8 dezenas de fragmentos cerâmicos, quantidade que permite suportar, com razoável credibilidade, uma interpretação relativa à cronologia do sítio.

13 Deve destacar-se no contexto da caracterização da Idade do Ferro em Trás-os-Montes e Alto Douro, a grande quantidade de painéis com arte rupestre dos vales do Douro, Côa (Baptista, 1999) e Sabor.

14 O rigoroso texto de Dulcineia Pinto (2005) dá conta da especificidade dos materiais (de várias épocas) desta estação, bem como do contexto de recolha das esculturas dos berrões.

que criou o painel como para as que se sucederam neste local. É certo que a tipologia dos motivos (descritos e comentados noutra publicação: Sanches e Pinto, 2002), dada a sua peculiar formalização, admite uma ligação possível, mas não absolutamente evidente, a contextos rupestres do Neolítico e Calcolítico regional. Na realidade, certos pormenores, como sejam o do “desenho” do penacho (/chapéu/capacete) do arqueiro contrasta com a ausência de outros pormenores na indumentária. Se o desenho de penachos é característico da arte/pintura esquemática peninsular (que aqui tem um dos exemplos no vizinho abrigo de Penas Róias, Mogadouro), constatamos que as representações de certos pormenores do traje, ou anatómicos, aparecem nas rochas datáveis da Idade do Ferro do vale do Douro (Vale da Casa) e do Côa (Baptista, 1999). Destacamos na rocha nº 10 de Vale da Casa o desenho de dois antropomorfos que “têm na cabeça (circular) estranhos chapéus ou capacetes, que se assemelham a turbantes: uma forma subcircular que envolve toda a cabeça, encimada por um semi-círculo.” (Baptista, 1982:79), similares, de certo modo ao penacho/capacete do arqueiro do Puio. Porém, um “turbante” similar ao da Rocha 10 encima também uma figura antropomórfica do abrigo de Penas Róias pelo que, de momento, este formalismo não pode ser devidamente avaliado do ponto de vista cronológico. Ainda na mesma rocha 10 do Vale da Casa encontra-se um antropomorfo com um arco, embora formalmente bastante distinto daquele do arqueiro do Puio.

Na realidade a estação do Puio, se vista no seu conjunto, é de difícil caracterização tanto pela diversidade de indícios materiais de ocupações humanas, como pela originalidade dos diferentes vestígios onde se destaca também a recolha, em todos os casos fortuita, de 3 esculturas zoomórficas em granito, conhecidas por “berrões” (dois fragmentados e fragmento de um terceiro) (Santos Júnior, 1975; Redentor e Pereira, 2007), datáveis da Idade do Ferro.

Neste texto tentámos aproximações interpretativas sobretudo à Pré-história e à Idade do Ferro neste local pois será adentro desta (ainda) longa diacronia do sítio do Puio que nos parece mais acertado procurar compreender a estela que é objecto do nosso estudo.

As estelas de Salgueiros

Originalmente considerámos 4 peças que apelidámos de estelas 1,2,3 e 4. A “estela” nº 4 é uma pequena e fina laje de granito, de contorno sub-rectangular mas com uma das extremidades convexa, e de faces polidas, incluindo as laterais. Tem 30 por 20 cm de eixos e a espessura varia entre 2,5 e 5 cm. Uma análise mais fina, ajudada pelo Professor Manuel Abrunhosa¹⁵, veio mostrar que essa peça não tem vestígios de qualquer tratamento, sendo as superfícies polidas, bem como o seu topo, arredondado, será de origem natural. É este o motivo pelo qual a excluimos do presente estudo mas continuamos a admitir que, embora de configuração natural, possa ter feito

¹⁵ Geólogo. Faculdade de ciências da Universidade do Porto

parte do conjunto de estelas deste local, assim se venha a conhecer o tipo de estação arqueológica em apreço. Na realidade, a estação/recinto do Cabeço da Mina, no Vale da Vilariga, de que falaremos adiante, exhibe várias peças similares a esta bem como outras que, se não pudessem ser associadas, como conjunto, a um contexto, nunca poderíamos apelidar de estelas. O mesmo acontece com as 3 lajes/estelas recolhidas *in situ* na câmara da Mamoa da Alagoa- Murça (Sanches, Nunes e Silva, 2004), que são formalmente similares a esta e que denotam exíguos tratamentos intencionais.

Deste modo esta peça será guardada até que as escavações no local de Salgueiros venham fornecer documentos que a incluam ou excluam do conjunto.

1. Estela nº 1 (Estampa 6)

É um pesado bloco de granito de grão médio, de duas micas, ligeiramente alterado, não friável e que terá proveniência local.

Apresenta uma configuração claramente antropomórfica pois que o bloco se identifica claramente com uma forma proto-escultórica, formalizada de acordo com “modelos” conhecidos em contextos da Pré-história, particularmente relacionados com pequenas figuras “idoliformes” provenientes de monumentos megalíticos ou *tumuli*. Destaque-se, porém, que tal configuração, onde foi procurada simultaneamente a volumetria e a simetria, decorre tanto da forma natural do bloco original (que já ostenta superfícies polidas) como dos talhes e picotagens conducentes à sua transformação numa forma escultórica simétrica.

Tem as seguintes dimensões: altura máxima - 74 cm; largura máxima - 41 cm; espessura máxima - 23 cm.

É assim uma peça bastante pesada, difícil de manusear por uma só pessoa, mas que tem uma base alargada de assentamento e uma equilibrada distribuição de peso de modo que, uma vez colocada em pé e escorada na base, facilmente se manteria naquela posição.

Apresenta superfícies de diaclases subplanares, bem como finas capas de deposição de óxidos de ferro sobre aquelas superfícies, deposições que também existem no seio da rocha. Esta deposição de óxidos, que afecta particularmente a metade inferior do anverso, fez-se maioritariamente antes da transformação do bloco em estela e confere-lhe uma coloração castanho avermelhada. É provável que este aspecto de “pedra pintada” tivesse também influenciado a escolha na medida em que incide na depressão longitudinal a áreas adjacentes.

Também pertence ao bloco original a grande reentrância lateral do lado direito do anverso, “entalhe” que em certos modelos de estelas pré-históricas é uma característica formal. No lado oposto, agora sim, foram feitos picotados com algum vigor quer no sentido de rebaixar aquela superfície, quer no de criar ali um entalhe simétrico ao do lado direito. Como resultado temos um rebaixamento grosseiro e um entalhe lateral irregular e bastante rugoso.

As restantes extracções, à excepção da daquela da extremidade distal e que

destinaria a configurar a cabeça, foram feitas com o objectivo de, através da subtracção de material, conferir à peça um aspecto antropomórfico, onde a simetria volumétrica é claramente intentada em todas as faces.

Esta estela se vista à luz rasante exhibe, particularmente no seu anverso, uma rede de desenhos losânicos que inicialmente pensamos serem gravuras muito finas. Aliás, o primeiro desenho por decalque desta peça, realizado por Antónia Soares (Soares, 2002-3), dá conta dessa espécie de desenho, que parecia definir-se como um manto. Porém, aquando do registo da peça por varrimento laser, feito com o objectivo de melhor entender a volumetria da estela, bem como destes desenhos, verificou-se que aqueles decorrem da estrutura da própria matéria-prima, ou seja, da meteorização estruturada pela rede de fissuras pré-existent¹⁶.

2. Estela nº 3 (Estampa 7)

Estela de granito cuja forma geral é sub-rectangular mas com o topo triangular e a base plana (recta). As secções — longitudinal e transversal — são sub-rectangulares. Tem as seguintes medidas: altura-44 cm; largura actual (máxima) - 26,5 cm (caso não estivesse fracturada deveria medir aproximadamente 28 cm); espessura máxima, na base - 7,5 cm; no topo - 4 cm.

Esta peça denuncia alterações profundas na sua superfície que cremos serem decorrentes do contexto (ou contextos) pós deposicional, o que torna bastante difícil discernir e descrever os tratamentos — talhe, picotagem, alisamento — conducentes à sua configuração como estela e onde bloco se identifica com uma formalização facial.

Quer a forma geral da peça — com topo triangular, em ogiva, e ressaltos laterais (de que só resta um) —, quer o “desenho” em baixo relevo que sugere, no anverso, uma face ou tatuagem facial —, remetem para um modelo representativo recorrente nalgumas estelas, pequenos ídolos, placas de xisto ou mesmo cerâmicas, de cronologia Neolítica e Calcolítica (da Península Ibérica e do arco do Mediterrâneo central e ocidental), e a que a bibliografia arqueológica dá o nome genérico, de “cariz mediterrânico”. Porém, regionalmente já se conhecem outras figuras formalmente similares a esta, em granito também, provenientes dos vizinhos concelhos de Moncorvo — a estela de Moncorvo (Vasconcelos, 1910; Sousa, 1996) — e a de Freixo de Espada à Cinta — estela do Monte de Santa Luzia (Santos, 1984; Sousa, 1996).

Nesta de Salgueiros e naquelas (particularmente na de Santa Luzia), são marcadas em baixo relevo as arcadas supraciliares/órbitas por desenhos (depressões) arqueadas que se desenhavam de ambos os lados do nariz, alteado. Porém, no nosso caso, uma depressão alongada, sob o nariz, parece enquadrar novas depressões escavadas, difíceis de entender já que esta parte da peça foi particularmente sujeita a escama-

16 Foi Paulo Lima que, na tentativa de encontrar uma explicação para os “desenhos”, colocou a hipótese de se tratar da estrutura de formação do granito, hipótese que o registo por varrimento laser permitiu confirmar já que com estas imagens se tornou exequível a medição, rigorosa e repetida, dos ângulos de tais geometrias (Ver texto de Paulo Lima e Hugo Pires neste volume).

ções (no lado esquerdo) e à erosão.

Parecem-nos claros os seguintes gestos técnicos: marcação, por picotagem, da depressão das arcadas supraciliares /órbitas (pois as marcas do pico são claras no lado direito do anverso), seguido da criação da depressão, também por picotagem, e da sua regularização por alisamento; conformação, por talhe e alisamento, do topo, em ogiva e do ressalto lateral (próximo da base); alisamento de todas as arestas e superfícies conservadas na peça. É provável que as duas arcadas que se delineiam em sequência do lado esquerdo já pertencessem ao bloco original, onde terão sugerido, naturalmente, a criação da arcada do lado direito.

Como dissemos atrás, esta peça terá sido muito alterada/destruída em contexto pós deposicional. Além das fracturas do lado esquerdo e que também se estendem pelo reverso da peça (que implicaram uma assinalável amputação de massa), encontram-se vestígios de descamação, por erosão ou eventualmente pela passagem de arados, na parte inferior esquerda do anverso. Aliás, as marcas da passagem do arado desenham mesmo dois alongados riscos de perfil em V (visíveis na foto da Estampa 7 mas não marcados no desenho), que se estendem longitudinalmente pela metade inferior do anverso e alguns outros são também visíveis no reverso. A fixação insistente de líquenes (que ainda se observam na peça), aliada à erosão diferencial e à meteorização, criou rugosidades na maioria das superfícies, mesmo naquelas lascadas (descamadas) em época mais antiga. Estas superfícies, embora não agressivas ao tacto, mostram rugosidades e grandes grãos de feldspato.

Esta peça possuía o seu maior peso na base (extremidade proximal), base essa que seria perfeitamente plana e de contorno rectangular. O eixo de simetria foi criado pela conformação do topo. Deste modo a estela segurar-se-ia na posição erecta logo que assente no solo. Tal facto não impediria, cremos, outras modalidades de fixação.

As estelas de Picote no conjunto das representações escultóricas de carácter antropomórfico de Trás-os-Montes.

1. Possibilidades interpretativas: abordagem geral

As estelas antropomórficas como representações, incorporações (corporizações simbólicas) de personagens ou de entidades que evocam formalmente figuras de traça humana, têm sido sujeitas a abordagens de diversos âmbitos nos estudos de arqueologia. Particularmente desde os anos de 1960, na Itália, França, ou nos países da Península Ibérica (para só falar dos estudos do arco mediterrânico ocidental) (Arnal, 1976; Almagro, M. 1966; Jorge, V. e Jorge, S., 1993), as abordagens interpretativas a esta “materialidade” tem-se enquadrado em modelos ou tendências interpretativas que são comuns ao estudo arqueológico de outras materialidades.

Não sendo objectivo deste texto a exposição analítica pormenorizada de tais abordagens, o enquadramento teórico enriqueceu, ao longo das últimas 3 décadas, a compreensão destas figuras no conjunto e em articulação com outros vestígios do

Passado, merecendo destaque as interpretações que relacionam as estelas (estátuas-menir e/ou outras pedras fincadas) com paisagens humanizadas, ou territórios (no sentido antropológico do termo)¹⁷ (Galan Domingo, 1993; Bueno e Balbin, 2000).

Quando tais peças ocorrem em escavações, as interpretações contextuais têm vindo a enriquecer de forma clara o(s) sentido(s) e o(s) papel (éis) que estas peças terão tido, particularmente no âmbito das arquiteturas (duráveis, perecíveis, ou outras) da Pré-história (Bueno, 1995; Cardoso, 2007).

É de sublinhar desde logo que embora estas figuras, que evocam a figura humana—ou, a nosso ver, mais acertadamente, as condições/estatuto de pessoas, grupos ou entidades—, sejam distinguidas frequentemente em masculinas ou femininas, em atenção a certos aspectos, nem sempre muitos explícitos patentes na figuração, embora o porte de armas (ou a forma fálica) tenha sido dos argumentos mais solicitados para a sua associação ao género. Outros ensaios interpretativos, mais cautelosos (Jorge, 1999) não as associam a qualquer um destes dois géneros, mas é de sublinhar que, sendo o género uma construção cultural, isto é, que se realiza no decurso da formação /criação de identidade através de práticas sociais e de atitudes (Sorensen, 2006) que envolvem, naturalmente, outros aspectos da vida, da organização social e dos comportamentos, este tema continuará, cremos, a ser discutido no âmbito mais alargado que a Antropologia nos proporciona. Por certo terão de ser considerados os modos através dos quais o género, a etnia (a pertença), etc., se podem ter assumido, alternativa, ou cumulativamente, como permeáveis, divisíveis/segmentáveis, em função dos contextos em análise (Fowler, 2004).

Na realidade, os géneros, as identidades e os estatutos, ensina-nos a Antropologia das sociedades tradicionais, podem variar não somente ao longo da vida em função de circunstâncias variadas (dádivas, trocas, casamentos, escalão etário, ritos de passagem, etc.), como após a morte (manipulação de cadáveres, partição de cadáveres ou pertences daqueles, etc.) (Fowler, 2004). Quer dizer, a identificação depende do enquadramento genealógico de cada sociedade e do modo como se define ou vai definindo, o “indivíduo” ao longo da sua vida e mesmo após a morte. A identidade, ou que Fowler denomina de “personhood” (/ser pessoa), é um processo de múltiplas facetas onde a divisão ou segmentação, a partição ou, pelo contrário, a acumulação de identidades múltiplas, ocorre em muitas sociedades tradicionais/indígenas. Acresce ainda o facto de em muitos casos o processo de identificação se referir não a indivíduos (tal como os concebemos na nossa sociedade ocidental, moderna e pós-moderna), mas a clãs, grupos etários, etc. (Fowler, 2004), sendo estes também considerados “indivíduos”.

Deste modo, no âmbito da Arqueologia contextualista, um entendimento com-

17 O território constitui-se para uma sociedade como o seu lugar de pertença ancestral e organiza-se materialmente em função da estruturação social e das normas colectivas, e é protegido de agressões/ameaças exteriores (ameaças de diversa índole). O território torna presente e perene a presença dos antepassados, legitimando-se assim como território dos vivos. Dos pressupostos anteriores decorre que é cumulativamente um lugar de “representações” sociais (Bourgeot, 1991).

plementar das formas escultóricas antropomorfas terá obrigatoriamente de atender não somente às formalizações/iconografias das peças, mas ao leque de práticas sociais envolvidas susceptíveis de serem identificadas no registo arqueológico¹⁸.

As estelas de Salgueiros, ou mesmo do Puio, embora formalmente diferentes entre si, sugerem um agrupamento intencional de “personagens” que corporizarão entidades, estatutos, papéis sociais, etc., criados pela dinâmica social e referencial do grupo. A sua variedade formal/iconográfica tem, mesmo assim, claros paralelos regionais (em monumentos megalíticos, recintos, ou achados simples). Mesmo como conjunto de figuras formalmente bastante diferentes entre si, associadas num só local de práticas sociais, as estelas de Picote não tem obrigatoriamente de ser entendidas como uma singularidade para a qual não se possam encontrar interpretações metodologicamente aceitáveis.

Assim, tal como na estação do Cabeço da Mina (Vila Flor) —que analisamos aqui como um dos modos de criar possibilidades interpretativas alternativas à escala regional—, em Salgueiros e mesmo no Puio, também as estelas poderão corporizar entidades individuais ou colectivas que se metamorfosearão/transformarão em função dos parâmetros genealógicos/ideológicos dos grupos pré-históricos em causa. Será portanto no contexto da Pré-história regional, i.e., a uma escala baixa de análise que privilegie os sítios e as relações espaciais entre eles, que estas transformações/associações poderão ser entendidas. Naturalmente, estamos em crer que as escavações virão a revelar, pelo menos em Salgueiros, algum tipo de arquitectura que, tal como no recinto do Cabeço da Mina, dominaria um vale, no caso de Picote sobre a curva apertada do rio Douro que na outra margem (margem espanhola) se delineia em falésia abrupta. A estela do Puio, no esporão em frente a este vale, poder-se-ia articular relacionalmente com Salgueiros (Est.I) havendo agora que desenvolver a investigação, necessariamente com escavações arqueológicas, no sentido de comprovar esta hipótese.

2. Contributo da estação do Cabeço da Mina para o entendimento das estações de Salgueiros/Puio

Da estação do Cabeço da Mina (Assares) em Vila Flor provém a maior quantidade de estelas conhecidas até ao presente na Europa Ocidental. Ultrapassam as 6 dezenas¹⁹ mas resultam de recolhas feitas em momentos e circunstâncias diferentes:

18 Damos o exemplo, já largamente citado na bibliografia arqueológica, da reutilização de estelas em contextos pré-históricos (megalíticos) da Bretanha, ou da sua manipulação em arquitecturas complexas, como é o caso do Recinto do Castanheiro do Vento, Foz Côa (Cardoso, 2007).

19 Orlando Sousa (1996, p. 86) refere que aquelas “não decoradas” serão mais de 3 dezenas; a estas somam-se as 21 estelas (nº 1 a 21) com “decoração” que constam no trabalho atrás citado. Em data posterior foram recolhidas no decurso de trabalhos agrícolas, pelo menos mais 12 estelas (algumas são fragmentos de estelas): aquelas nº 23, 24, 25, 26, 27, 29 e 33 (com atributos gravados) e nº 22, 28, 30, 34 e 35 (somente de faces alisadas). (Ver quadro 1, neste texto). Assim, este texto assume que deste sítio se conhecem pelo menos 63 estelas. Entre a entrega deste texto para publicação e a revisão de provas, visitámos novamente o sítio do Cabeço da Mina (Junho de 2010), e aí recolhemos mais uma metade su-

a) recolhas pontuais, desde o final da década de 1980, à medida que o arroteamento do campo, no topo norte do Vale da Vilariça, se ia fazendo mais em extensão e em profundidade; b) de sondagens realizadas pelo SRAZN em 1985, 1986 e 1991²⁰, embora, lamentavelmente, estas nunca tenham sido objecto de uma publicação de pormenor²¹. Assim, não se conhecem exactamente quais as estelas, ou fragmentos daquelas, que integrariam o alinhamento pétreo contínuo e semiderrubado que aí figura²². Desse alinhamento fazem ainda parte lajes de tamanho médio e pequeno em granito e xisto (matérias-primas dominantes), bem como blocos de quartzo. Estes vestígios fazem supor a existência de espaços murados/divididos de outros, isto é, eventualmente de alguma arquitectura em xisto e quartzo²³ — e/ou materiais que se desintegrariam e/ou deformariam, como elementos vegetais ou argila— de que não podemos imaginar a planta. S. Oliveira Jorge (1999) refere que talvez este alinhamento seja uma fracção do arco de pedras que, segundo os proprietários, circundaria a pequena e suave elevação, necessitando por essa razão de confirmação arqueológica, o que até à data ainda não foi feito.

Dado que as estelas, maioritariamente em granito, mas algumas também em xisto azulado (Estelas 2 e 8), foram recolhidas ao longo de uma área em que o terreno se sobreeleva (naturalmente) um pouco da periferia (é uma pendente extremamente suave), ficamos somente com a ideia de que este espaço poderia conter arquitecturas (um recinto de planta desconhecida) onde se integrariam as estelas conhecidas até ao presente. Algumas destas poderiam fazer parte dos alinhamentos/muretes, mas outras poderiam ocupar outros espaços criados por aqueles, como acontece, por ex., com as estelas e/ou lajes de xisto azulado que no Recinto do Castanheiro do Vento (V. N. Foz Côa) reconfiguram espaços formalmente muito diversificados (Cardoso, 2007). Desconhecemos também se tais arquitecturas, que poderiam desenhar-se somente ao nível do solo, configurariam um “edifício” construído de uma só vez— o que conferiria às estelas uma mesma cronologia— ou se, pelo contrário, tal arquitectura sofreu acrescentos, alterações, transformações ao longo do tempo do seu uso.

São muitas as hipóteses em aberto. Porém, devem ser realçados os seguintes aspectos: a) as estelas integram-se numa arquitectura pétreia (de tipo recinto) que se desenvolve espacialmente numa encosta muito suave; b) tal arquitectura situa-se em posição topográfica e morfologicamente dominante sobre o vale aberto da ribeira da

perior de uma pequena estela com o atributo 2 (ver Estampa 2), que se encontra provisoriamente à nossa guarda no Laboratório de Conservação e Restauro da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

20 Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte (Sousa, 1996).

21 Orlando Sousa (1996) publica uma planta e um corte dessa sondagem, da qual faz comentários muito breves.

22 Na realidade, na Est. LXXXI da publicação de O. Sousa (1996), que é uma foto da escavação, vê-se uma laje em granito que se assemelha à estela nº 10 ou à nº 5. Por outro lado, na pág. 82, O. Sousa leva-nos a crer que as estelas 5 e 10 (de granito) e 8, de xisto, também estariam inseridas no alinhamento.

23 O granito é uma matéria-prima alógena e no solo, quando esta se identifica pertence sempre a uma estela.

| Quadro 1— Cabeço da Mina - Vila Flor: estelas e seus atributos | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|-----------|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|----|----|----------------|
| Estela n.º | Atributos | | | | | | | | | | | | | | | |
| | 1/MF | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| 1 | | | | | | X | | | | X | | X | X | | | |
| 2 | | | | | | | | | | | | | | X | | |
| 3 | | | | | | | X | | | | | | | | | |
| 4 | | | X | | | | X | | | | | | | | | |
| 5 | | | | | | | | | | X | | | | | | |
| 6 | | X | | | | | | | | | | | | | | |
| 7 | | X | | | | | | | | | | | | | | |
| 8 | | | | | | | | | | | | | | X | | |
| 9 | | | | | | | | | | X | | | | | | |
| 10 | | | | | X | X | | | | X | | X | | | | |
| 12 | | X | | | | | | | | | | | | | | |
| 11 | | | | | | | | X | | | | | | | | |
| 13 | | | | | | | | | | X | | | | | | |
| 14 | | | | | | | | | | | X | | | | | |
| 15 | | | | | | | | | | | X | | | | | |
| 16 | | | | | | | | | | | X | | | | | |
| 17 | | | | | | | | | | | X | | | | | |
| 18 | | | | | | | | | | | X | | | | | |
| 19 | | | | | | | X | | | | | | | | | |
| 20 | | | | | | | | | | | | | X | | | |
| 21 | | | | X | | | X | | X | | | | | | X | |
| 22 | * | | | | | | | | | | | | | | | Morfologia/sup |
| 23 | | | | | | | | | | | X | | | | | 1 |
| 24 | | X | | | | | | X | | | | | | | | 2 |
| 25 | | | | | | | | | | | | | | | X | 1 |
| 26 | | | | X | | | | | | | | | X | | | 2 |
| 27 | | X | | | | | | X | | | | | | | X | 3 |
| 28 | * | | | | | | | | | | | | | | | Morfologia/sup |
| 29 | | | | | | | | | | X | | | X | | | 2 |
| 30 | * | | | | | | | | | | | | | | | Morfologia/sup |
| 33 | | | | X | | | | | | | | | | | | 1 |
| 34 | * | | | | | | | | | | | | | | | Morfologia/sup |
| 35 | * | | | | | | | | | | | | | | | Morfologia/sup |
| Total (35 Estelas) | 5 | 6 | 1 | 2 | 2 | 1 | 4 | 1 | 3 | 6 | 8 | 1 | 5 | 2 | 2 | 1 |

Vilariça, uma área intensamente ocupada na Pré-história²⁴; c) se excluirmos as pedras do alinhamento, as estelas são o único “artefacto” desta arquitectura pois nem nas escavações nem nas prospecções foi exumado qualquer outro; d) cerca de 56% das estelas conhecidas até ao presente²⁵ seriam somente afeiçãoadas e 44% exibem atributos gravados; e) o antropomorfismo, como já S. Jorge (1999) fizera notar, decorre da forma/ tratamento das superfícies e/ou dos reduzidos (e repetidos) atributos gravados; contudo, surge agora um novo caso (estela nº 25, fragmentada) em que o topo superior sofreu um estrangulamento que parece anunciar formalmente a cabeça. Aliás, numa das estelas conhecidas em xisto azulado (nº 8), dois entalhes laterais também podem indicar uma divisão formal do corpo (/cabeça?), embora esta estela não tenha contorno antropomórfico. Devemos chamar a atenção para o facto de existirem algumas pedras fincadas e/ou tombadas no Cabeço da Mina (em divisórias de propriedade), por vezes com alguns motivos gravados que formal e iconograficamente se afastam deste grupo, digamos, mais uniforme, o que sugere um aumento de complexidade do sítio e nos mostra que afinal este só se conhece de modo extremamente parcelar.

Tendo presentes os condicionalismos já expostos, teceremos aqui alguns comentários interpretativos. Sem contrariar a tipologia proposta por S. Jorge, referente a 21 peças (1999), acrescentaremos alguns comentários que decorrem da presente análise formal/tipológica a 28 estelas “decoradas”.

Assim, o nosso quadro 1 dá conta dos atributos considerados (Ver também a Estampa 2). O atributo 1 —1/MF— refere-se à forma/configuração simples e nele se incluem, como dissemos, 56% das peças (35 estelas). Os atributos A2, 3, 4, 5 e 6 são diferentes modos de formalização facial, que ocorrem em 46% das peças (13), embora em 3 delas toda a iconografia se reduza à representação dos *olhos* (duas covinhas). A separação entre a cabeça e o resto do corpo, através duma linha contínua, foi incluída neste grupo de representações faciais em A3 e A5 (3 casos). Pela posição e associação repetida a motivos claramente frontais, somos levados a supor que os colares (A7 e A8), bem como o motivo A15, marcarão o anverso. Os cintos/faixas (A9, A10 e A11), ocupam posições grandemente aleatórias no corpo da peça, sendo em 10 casos (36%) o único elemento iconográfico que as caracteriza (Estelas 5, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 23). É de fazer notar ainda que mesmo o atributo A13 tanto pode cruzar no reverso

24 Nos rebordos do vale da Vilariça regista-se um assinalável número de estações pré-históricas da mesma época das estelas (povoados e sítios com arte rupestre, além de mamoaos), sendo importante referir também o aparecimento de estelas isoladas no extremo sul desse mesmo vale (estelas de Vila Maior e de Couquinho que, entre outros atributos, possuem “olhos” e “colares”). A primeira destas, descoberta por Nelson Rebanda, encontra-se exposta no Museu de Moncorvo (Sousa, 1996); a segunda, publicada por L. Vasconcelos (1910), encontra-se no MNA. Tal povoamento intenso, no Calcolítico, tem vindo a ser confirmado também no baixo vale do Sabor (onde a ribeira da Vilariça desagua), através da identificação de extensos povoados que se desenvolvem em plataformas ao longo das encostas graníticas.

25 Ver atrás, nota 18. Assumimos aí que o total conhecido, à data de redacção deste artigo, perfaz 63 peças.

(Estelas 1 e 26), como no anverso, pois é o que acontece na estela 10 onde se cruza sob uma face claramente representada e demarcada do resto do corpo. Vários atributos são singulares pois só aparecem uma vez: A4, 6 (faciais), 8, 12 e 16 (indumentária) o que contribui, conjuntamente com as observações anteriores, para podermos interpretar a maioria dos atributos como elementos cuja autonomia bastaria para personificar/dar identidade a cada peça. Se usados em combinação, como acontece também nas estelas 1, 10 e 21, criar-se-iam por certo personificações compósitas quer do ponto de vista gráfico quer semântico.

Na realidade, apesar das semelhanças, patentes na distribuição dum leque reduzido de atributos pelo universo das estelas (decoradas), a singularidade/autonomia formal parece ser a característica mais marcante deste conjunto. Se 3 estelas se revelam complexas por associarem 4 motivos iconográficos (Estelas 1, 10, 21), ou por associarem 3 motivos (Estela 27), verificamos, em simultâneo, que estas 4 peças compósitas se distinguem claramente entre si sobretudo porque não partilham exactamente os mesmos atributos embora as estelas 1 e 21 ostentem o mesmo tipo de cinto (A10). Assim, a configuração e associação dos motivos nas estelas nº 1, 10 e 21 permitem que as interpretemos como entidades/personificações com um acentuado grau de independência formal entre si. As restantes estelas parecem ser “partições” ou divisões destas: a) as que têm 2 motivos — 4, 26 e 29 —, partilham-nos com as estelas 1, 10 e 21; num caso — estela 24 —, a partilha faz-se com a estela 27 (que tem 3 motivos); b) as que tem somente um motivo, e que são a maioria (19 estelas), este está também presente numa ou em duas das estelas complexas atrás consideradas (1, 10, 21 e 27). Exclui-se assim a Estela 25 pois, como dissemos atrás, quer a configuração, quer o motivo (A16) não tem paralelo no conjunto das estelas do Cabeço da Mina.

Apesar o Cabeço da Mina ser uma estação muito peculiar —uma arquitectura talvez de tipo recinto—, se atendermos à iconografia/conformação do numeroso conjunto de estelas, aquela parece desenhar-se como um Lugar do Passado com acentuado carácter narrativo. Ali, “personificações de seres” extremamente compostos, mas formalmente (e semanticamente?) independentes entre si (estelas 1, 10 e 21), desdobram-se/dividem-se em seres sucessivamente mais simples de modo que qualquer ser/entidade/estela deve ser entendida de modo relacional com o conjunto do recinto e, possivelmente ainda, com as duas estelas que se implantam na entrada sul do Vale da Vilariça e detêm também alguns motivos característicos destas: as estelas de Vila Maior e Couquinho (com similar formalização facial, colares e/ou cintos). Assim, a estação do Cabeço da Mina, situada na parte Norte do vale, tal como já fizéramos notar noutra publicação (Sanches, 1997: 1-225-226) remeterá semanticamente para a parte sul do mesmo vale aberto, englobando uma paisagem que fará sentido estudar em articulação mútua.

Por outro lado, quer os atributos se refiram a identificações genealógicas e sociais de grupos ou clãs, a estatutos peculiares no interior destes (de género, idade, genealogia, etc.), ou materializem até relações sociais entre grupos e/ou entre “divindades”, admitem individualizações pois cada atributo parece deter um valor específico,

totalizante, quer dizer, de certo modo, um valor autónomo. Tal facto seria visível nas estelas em que aparece figurado somente um dos atributos (cinto, colar, olhos/face) e que representam afinal a maioria das peças.

Porém, cremos que esta arquitectura que pelas suas características formais e locacionais deve ter tido elevado peso regional, não deverá ser entendida somente como uma narrativa comunitária/identitária fechada, à escala do sítio em si, isto é que articule os discursos somente para dentro, para o recinto em si. Deverá, cumulativamente, voltar-se, também de modo relacional, para a rede de lugares exteriores, evocando a vida social das comunidades que nesta época ocupam o território circundante. Como dissemos atrás, este aparece como intensamente povoado na 2ª metade do 4º milénio e no 3º milénio AC, e será em relação com estes sítios regionais —que assumimos como lugares de práticas sociais rotineiras, cíclicas ou mesmo excepcionais, i.e., lugares onde a memória e a identidade se mantêm e recriam—, que uma interpretação mais abrangente destas figuras terá de ser procurada.

De acordo com esta linha de abordagem que procura inter-relacionar os diferentes lugares da vida comunitária, e se atendermos por ora somente às peças/estelas que se conhecem no território periférico do Cabeço da Mina, não podemos deixar de nomear aquelas estelas (e seus sítios) que se relacionam formalmente, embora em diferentes graus, com as daquela estação arqueológica. Em primeiro lugar temos as estelas de Vila Maior (Sousa, 1996) e de Couquinho— já referidas atrás e que se situariam no horizonte visual do cabeço da Mina —, bem como a de Moncorvo e a do sítio de Santa Luzia (Freixo de Espada à Cinta). Em segundo, a estela do recinto do Castelo Velho de Freixo de Numão - V.N. Foz Côa (Jorge, 2002; Cardoso, 2007), as do “Bastião” B e D do Recinto de Castanheiro do Vento V.N. Foz Côa (Cardoso, 2007), e as de Salgueiros- Picote, que são objecto deste estudo.

Algumas considerações finais

Em primeiro lugar é de repetir que somente um programa bem articulado de escavações nos sítios de Salgueiros e Puio–Picote, poderá vir a substanciar as hipóteses interpretativas que aqui fomos expondo. Estas podem resumir-se do seguinte modo:

a) O sítio de Salgueiros parece materializar uma estação com estelas, talvez de tipo recinto, complexa. Na realidade, cremos que estas estelas seriam em maior número, assim tivéssemos podido desmontar todo o muro onde as que são objecto deste estudo se recolheram.

b) A uma escala baixa de análise, o sítio do Puio, devido à sua proximidade geográfica com Salgueiros, poderá articular-se formalmente e semanticamente com aquele sítio, delineando assim uma paisagem socialmente significativa para os grupos regionais do final do 4º/3º milénio AC e que coincidiria/marcaria o território sobranceiro à curva apertada do rio Douro, bem como o planalto adjacente às falésias da margem esquerda (já em território actualmente espanhol)(Estampa 1).

c) A uma escala mais alargada de análise, cremos que este sítio de Picote (Sal-

gueiros/Puio) se relacionaria discursivamente com toda a rede de lugares regionais, não somente com aqueles que utilizam estelas/lajes nas suas formalizações arquitectónicas (que nomeámos atrás), como com outros sítios (povoados, lugares com arte rupestre, *tumuli*).

d) Seria talvez devido a esta rede de relações, cujos contornos são ainda difíceis de precisar, que tanto a formalização das estelas de Salgueiros/Picote, como a sua associação a uma paisagem “arqueológica” (por ora composta por dois sítios- Salgueiros e Puio) se apresenta tão peculiar (isto é, não se encontram ali duas estelas iguais, nem na forma, nem no tamanho, nem na iconografia).

e) Este tipo de formas escultóricas tem raízes formais/cronológicas nas arquitecturas de tipo megalítico (ou de tipo *tumulus*), como tem vindo a ser referido por vários autores. Nesse sentido, é de destacar aqui, pela proximidade, a Mamoa 3 de Pena Mosqueira-Mogadouro (Estampa 2) que incluía, no local da deposição do cadáver (infantil), um grande seixo antropomórfico coberto de ocre que, tal como a estela 1 de Salgueiros, terá sido escolhido em função da forma antropomórfica que evoca (Sanches, 1986).

f) A estela do Puio, embora iconograficamente muito diferente daquelas que até à data se conhecem, sobretudo pelo naturalismo da representação dos olhos, não deixa de apresentar pormenores que tem sentido valorizar no contexto do comportamento das sociedades pré-históricas: a cobertura com pasta castanho avermelhada e cinzenta, que é uma prática conhecida noutros contextos (particularmente megalíticos) e deve ser valorizada localmente na medida em que a vizinha Mamoa 3 de Pena Mosqueira (Mogadouro) incluía, precisamente na área do enterramento, 3 peças cobertas de ocre e/ou pintura²⁶ (Sanches, 1986); o tratamento do suporte pode ter-se realizado em momentos diferentes, isto é, a peça pode ter sido sujeita a transformações físicas de acordo com o(s) contextos/práticas de significação em que teria entrado.

Agradecimentos

Agradece-se a Hugo Pires a disponibilização, para publicação, do levantamento por varrimento da Estela 1 de Salgueiros e a Paulo Lima a ajuda no entendimento da morfologia da mesma estela. Estamos também gratos ao Prof. Manuel Abrunhosa (geólogo da Faculdade de Ciências da UP) que nos ajudou a entender e caracterizar as estelas em análise. Um obrigado muito particular a Rafael Morais que connosco criou os desenhos definitivos que aqui se publicam e organizou também as estampas.

²⁶ A composição desta pasta, no grande seixo antropomórfico, e da pintura, nas outras duas placas, nunca foi objecto de análise específica.

Bibliografia

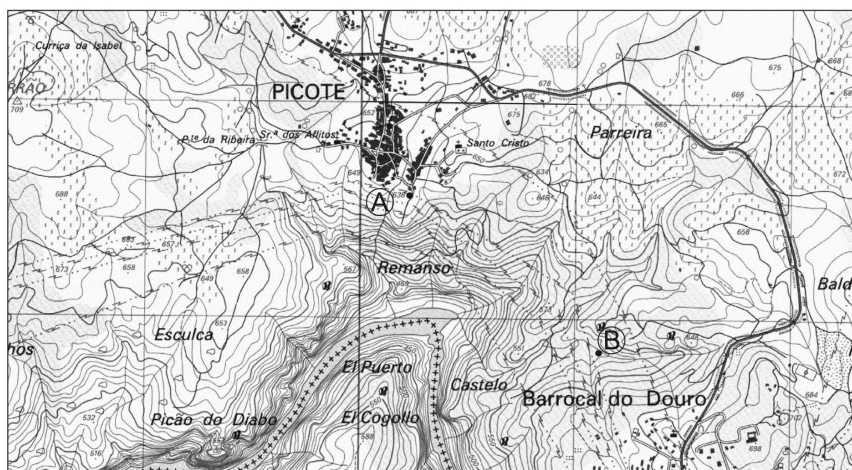
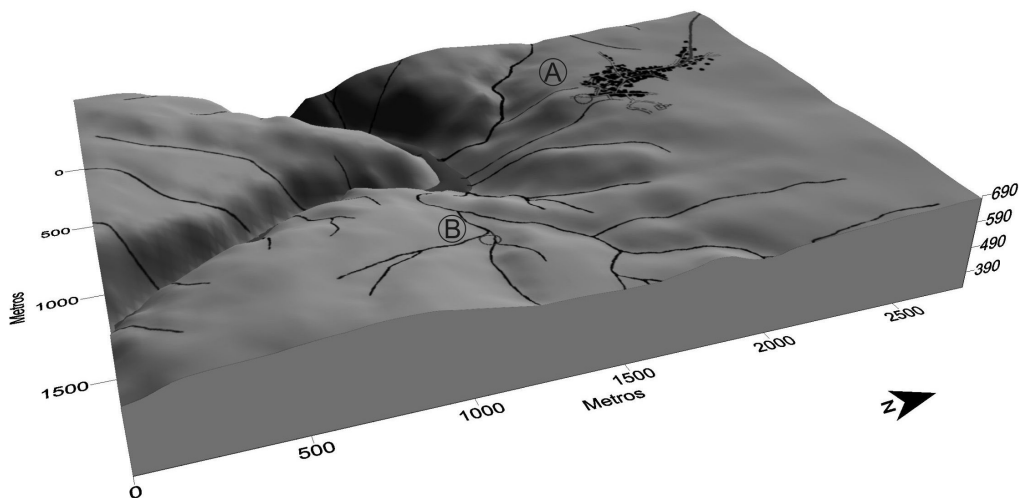
- ALMAGRO BASCH, Martín (1966) – *Las Estelas Decoradas del Suroeste Peninsular*. Biblioteca Praehistorica Hispana (8). CSIC: Madrid.
- ARNAL, Jean (1976) – *Les Statues-menhirs, Hommes et Dieux*. Toulouse: Editions Des Hesperides.
- BAPTISTA, António Martinho (1982) – Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*, Porto, 4/5 (nova série), p. 71-88.
- BAPTISTA, António Martinho (1985) – A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal). *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 3 (série 4), p. 7-14.
- BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- BOURGEOIS, André (1991) – Territoire. In BONTE, P., IZARD, M., *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Paris: Éd. Presses Universitaires de France, p. 704-5.
- BUENO RAMIREZ, Primitiva (1995) – Megalitismo, estatuas y estelas en España. *Notizie Archeologiche Bergomensi*, Bergamo, 3, p. 77-128.
- BUENO RAMIREZ, Primitiva; BALBIN BEHRMANN, Rodrigo de (2000) – Art mégalithique et art en plein air. Approche de la définition du territoire pour les groupes producteurs de la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 103 (3), p. 427-458.
- CARDOSO, João Muralha (2007) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).
- CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2006) – Arte parietal en monumentos megalíticos del área noroccidental peninsular. In CARRERA RAMÍREZ, Fernando; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (coord.), *Arte Parietal en el Noroeste Peninsular. Conocimiento y Conservación*. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións, p. 61-151.
- CARRERA RAMÍREZ, Fernando; SURIOL CASTELLVI, José; SILVA HERMO, Benita (2006) – Caracterización de materiales pictóricos en el megalitismo noroccidental. In CARRERA RAMÍREZ, Fernando; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (coord.), *Arte Parietal en el Noroeste Peninsular. Conocimiento y Conservación*. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións, p. 233-261.
- CORBEY, Raymond; LAYTON, Robert; TANNER, Jeremy (2006) – Archaeology and Art. In BINFELIFF, John (ed.), *A Companion to Archaeology*. London: Blackwell Publishing, p. 357-379.
- FOWLER, Chris (2004) – *The Archaeology of Personhood. An Anthropological Approach*. London: Routledge.
- GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) – *Estelas, Paisaje Y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica*. Complutum Extra, Madrid, 3.
- GONÇALVES, A. Huet Bacelar; CRUZ, Domingos (1994) – Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real). *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 2, p. 171-231.
- JORGE, Susana Oliveira (1999) – Stèles et statues-menhires de l'Age du Bronze en Péninsule Ibérique: discours de pouvoir. *L'Europe au Temps d'Ulisses. Dieux et Héros de l'Âge du Bronze*, 25. Exposition de l'art du Conseil de l'Europe. AFAA, p. 114-122.
- JORGE, Susana Oliveira (2002) – Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. *Estudos/Património*, Lisboa, 3, p. 145-164.
- JORGE, Vítor Oliveira; JORGE, Susana Oliveira (1993) – Statues-menhirs et stèles du Nord du

- Portugal, les representations humaines du neolithique à l'Âge du Fer. In *CTHS (Actes du 115ème CTHS - 1990)*, p. 29-43.
- LEMOS, Francisco de Sande (1993) – *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho (policopiada).
- PINTO, Dulcineia Bernardes (2005) – Notas para a caracterização da estação do Puio-Picote, Miranda do Douro, *Portugália*, Porto, 26 (nova série), p. 77-112.
- REDENTOR, Armando; PEREIRA, Luís (2007) – Uma escultura zoomórfica proto-histórica em Picote (Miranda do Douro), *Revista do Centro de Estudos António Maria Mourinho*, Miranda do Douro, 2, p. 8-26
- SANCHES, Maria de Jesus (1987) – A mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane, (Mogadouro). *Arqueologia*, Porto, 15, GEAP, p. 94-115.
- SANCHES, Maria de Jesus (1992) – *Pré-história Recente no Planalto Mirandês*. Monografias Arqueológicas, 3, Porto: GEAP.
- SANCHES, Maria de Jesus (1997) – *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional)*, 2 vol., Textos, 1, SPAE, Porto.
- SANCHES, Maria de Jesus [Coord.] (2008) – *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. Murça: Município de Murça.
- SANCHES, Maria de Jesus [et al.] (2002) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos Realizados em Picote – Miranda do Douro em 2001*. Relatório apresentado ao Instituto Português de Arqueologia (policopiado).
- SANCHES, Maria de Jesus; NUNES, Susana Andreia (2004) – Resultados da escavação da Mamoa d'Alagoa (Toubres - Jou), Murça (Trás-os-Montes), *Portugália*, Porto, 25 (nova série), p. 5-42.
- SANCHES, Maria de Jesus; NUNES, Susana Andreia (2005) – Monumentos pétreos do 4º e 3º mil. BC: suas formas, topografias e contextos na área central de Trás-os-Montes (Nordeste de Portugal). *Revista da Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património*, Porto, 4, p. 53-82.
- SANCHES, Maria de Jesus; NUNES, Susana Andreia; SILVA, Margarida Santos (2005) – A Mamoa 1 do Castelo (Jou) - Murça (Trás-os-Montes). Resultados dos trabalhos de escavação e de restauro dum dólmen de vestíbulo, *Portugália*, Porto, 26 (nova série), p.5-47.
- SANCHES, Maria de Jesus; PINTO, Dulcineia (2002) – O arqueiro da Fraga do Puio (Picote - Miranda do Douro). Estudo de uma estação com arte rupestre no Parque Natural do Douro Internacional. *Revista da Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património*, Porto, 1, p. 51-72.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues (1984) – A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 22 (4), p. 353-516.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues (1984) – Dois testemunhos, um galego e outro transmontano, da remota zoolatria. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 24 (4), p. 689-693.
- SHEE TWOHIG, Elizabeth (1981) – *The Megalithic Art of Western Iberia*, Oxford: Clarendon Press.
- SOARES, M. Antónia (2002-2003) – Representações Escultóricas de Carácter Antropomórfico de Salgueiros – Picote (Miranda do Douro). Trabalho de seminário da licenciatura de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado).
- SORENSEN, Marie (2006) – The archaeology of gender. In BINTLIFF, John (ed.), *A Companion to Archaeology*. London: Blackwell Publishing, p. 75-91.
- SOUSA, Orlando (1996) – *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*.

Porto: Faculdade de Letras da UP. Dissertação de Mestrado (policopiada).

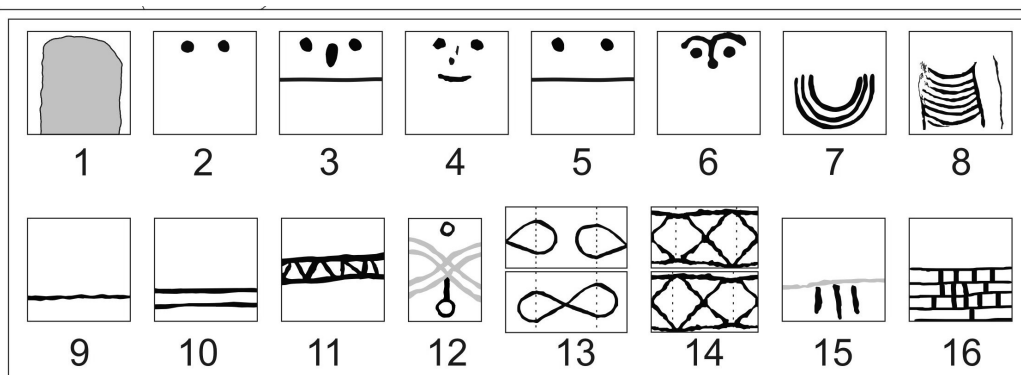
VASCONCELOS, José Leite de (1910) – Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 15, p. 31-39.

VVaa (2008) – *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. SANCHES, M. J. (coord. científica e editorial / editor). Município de Murça, Murça. (193 páginas: Partes I e II num só volume).

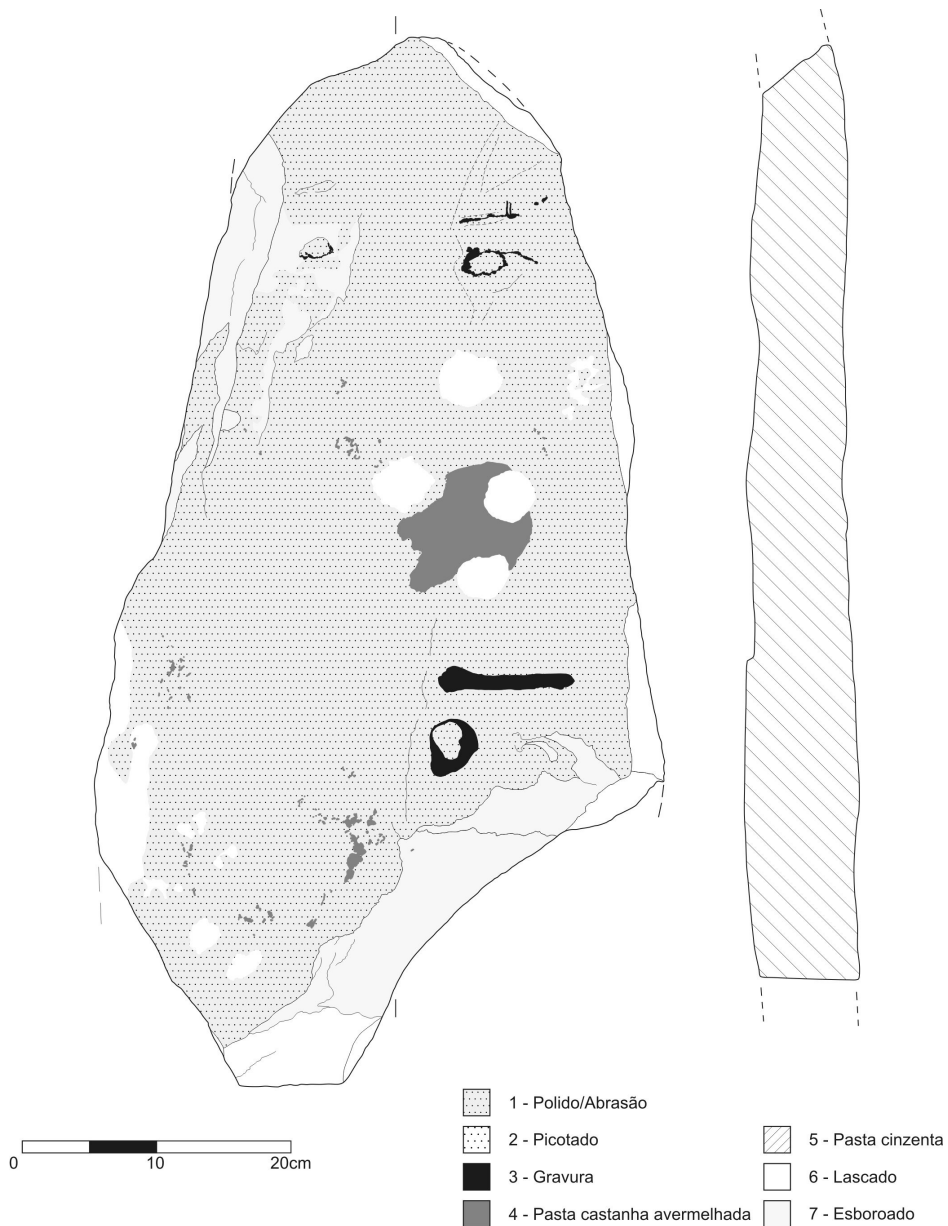


Estampa 1 - 1: Imagem 3D da topografia da área de Picote onde se recolheram as estelas de Puio (A - esporão/estação arqueológica com longa ocupação de Puio) e local de Salgueiros (B) (Baseada na CMP, 1:25 000, folha 95, 1950).

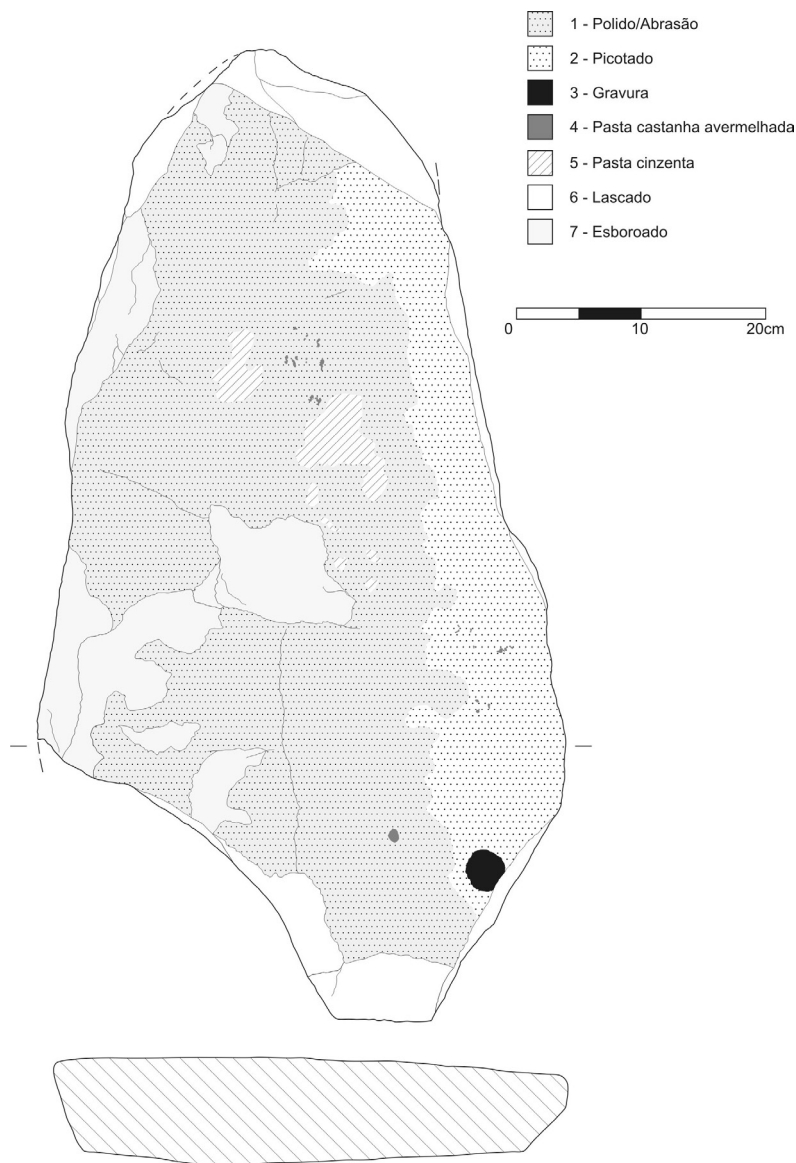
2: Extracto da CMP de Picote, 1:25 000, folha 95 (1996), tendo localizados as duas estações indicadas na figura anterior.



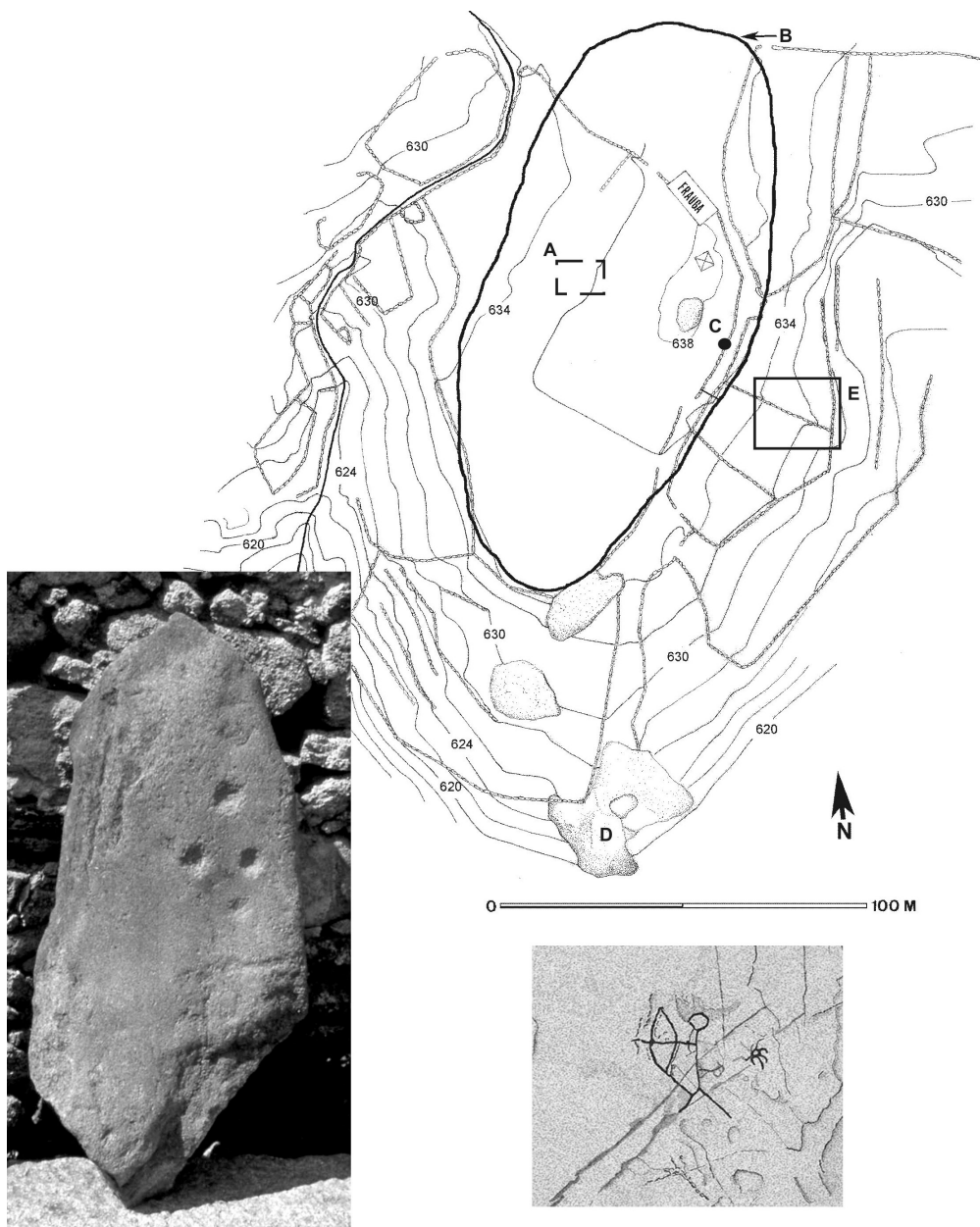
Estampa 2: Em cima - Península Ibérica e ampliação, no segundo mapa, do NW peninsular. Neste localizam-se estelas de Picote e outras estelas, citadas no texto, recolhidas noutros contextos arqueológicos pré-históricos de Trás-os-Montes e Alto Douro. 1- Picote (Miranda do Douro); 2- Cabeço da Mina (Vila Flor); 3- Mamoia 3 de Pena Mosqueira (Mogadouro); 4- Estelas da Foz do Sabor/Ribeira da Vilarça (Moncorvo, Vila Maior-Moncorvo, Quinta do Couquinho-Vila Flor); 5- Sítio arqueológico de Santa Luzia (Freixo de Espada à Cinta); 6-Cemitério dos Mouros (Mirandela); 7- Dólmenes de Alagoa, Castelo 1 e Alto das Madorras 4 (Murça) e dólmen K (Alijó); 8- Dólmen de Madorras 1 (Sabrosa); 9- Castanheiro do Vento e Castelo Velho (V. N. Foz Côa); 10- Estela de Longroiva (Meda); 11- Alto da Escrita (Tabuaço). Em baixo: quadro dos atributos das estelas da estação do Cabeço da Mina (Assares), Vila Flor.



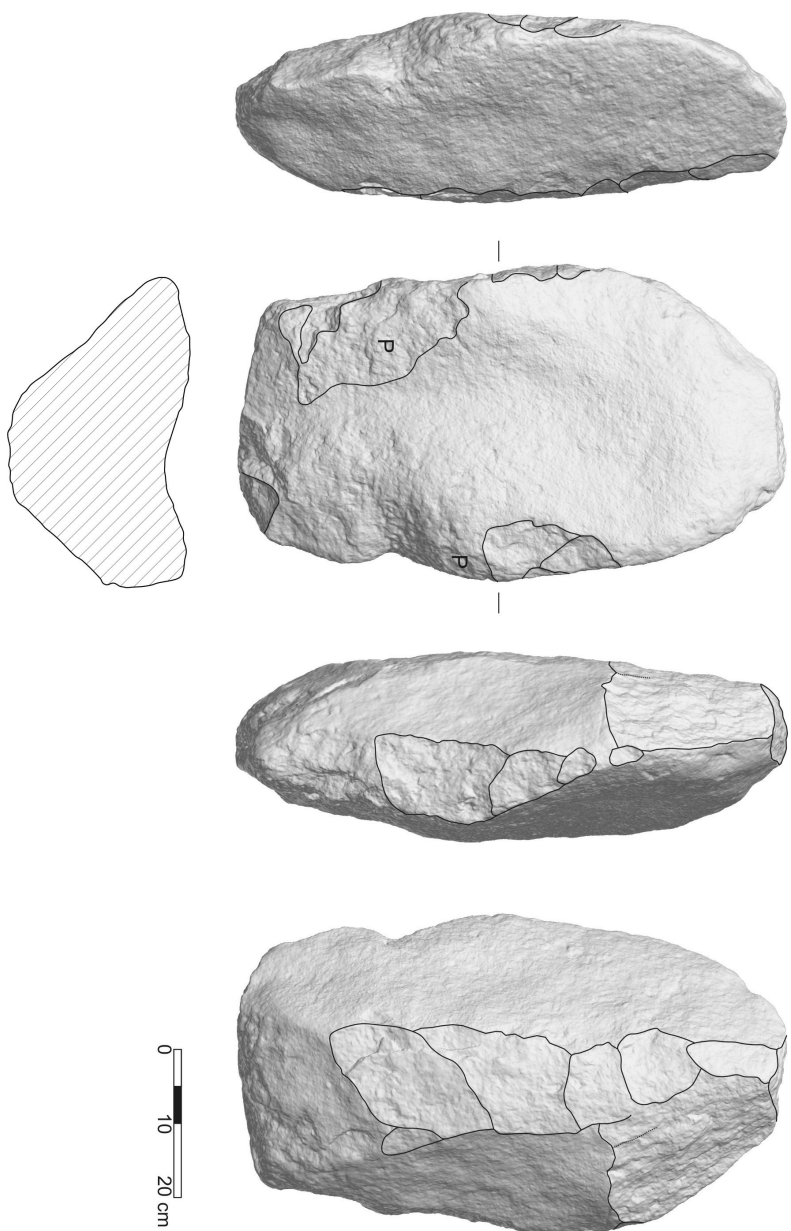
Estampa 3 - Estela do Puio: anverso e secção longitudinal. 1- Superfície polida (sendo maioritariamente polido fino); 2- superfície tratada com picotado fino seguido de polimento grosseiro (sem rugosidades); 3- gravura feita por picotado; 4- Vestígios de pasta castanho avermelhada (reboco?) realizada sobre o fino polido ou sobre o picotado (reverso) 5- Pasta acinzentada (só reverso) sobreposta à superfície finamente polida ou à pasta castanho avermelhada; (cont. na Estampa seguinte).



Estampa 4 - Estela do Puio: reverso e secção transversal. 6- Talhe realizado por impacto violento e fissuração decorrente do mesmo (fracturas frescas e rugosas); 7- esboroamento e esfoliação, pelas fissuras da diaclase (particularmente nos rebordos da peça). Covinhas da parte média do anverso e outras depressões e picotados (que figuram a branco) decorrem de acções intencionais (de destruição?) e foram feitas recentemente (não tem patine).



Estampa 5 - Levantamento topográfico da área do Puio. A- local das escavações de J.R. dos Santos Júnior (1952-53); B- (Recinto) Contorno proposto por Dulcineia Pinto (2005) para a demarcação física (por taludes e/ou muralhas) da estação da Idade do Ferro; C- Local onde se recolheu a estela do Puio (no muro de propriedade); D- Fraga do Puio (painel com gravura de arqueiro). Em Baixo: estela do Puio no momento da sua descoberta; parte central do painel da Fraga do Puio com o arqueiro.



Estampa 6 - Estela 1 de Salgueiros: anverso, reverso, perfis longitudinais e secção transversal (imagens realizadas por Hugo Pires e baseadas no seu registo por varimento com luz estruturada 3D). Marcam-se os contornos das extracções para conformação da peça bem como as picotagens pontuais (P) feitas com o mesmo objectivo.



Estampa 7 - Local de Salgueiros. A seta indica a entrada da propriedade onde se recolheram as 3 peças. Em baixo: desenho do anverso e fotos da estela 3 de Salgueiros (as fotos desta estela são da autoria de Antónia Soares).



Estampa 8 - Desmontagem do muro que tapava a entrada, em Salgueiros. Do lado direito, na vertical e encostada à ombreira da entrada, encontra-se a estela 2. Em baixo: estela 1 do Puio quando ainda no muro.